

# A RESISTÊNCIA ALÉM OCEANO: OS “FUORUSCITI”<sup>\*</sup> ITALIANOS E A EXPERIÊNCIA ANTIFASCISTA BRASILEIRA DOS ANOS 30.<sup>\*\*</sup>

*João Fábio Bertonha*

## INTRODUÇÃO

Durante os anos 70, um debate marcou boa parte da historiografia brasileira: o do lugar das idéias no pensamento político nacional.<sup>1</sup> Discutia-se, de fato, se as idéias brasileiras eram meras importações de ideologias européias e se não estariam, sendo assim desconectadas da realidade, “fora do lugar”. O debate atingiu vários campos da historiografia e talvez esteja até um pouco envelhecido. Parece-nos, no entanto, que vale a pena retrabalhar a questão no campo específico da contribuição dos imigrantes europeus ao pensamento político brasileiro, contribuição esta que ainda merece uma análise mais aprofundada por parte dos historiadores.

Durante muito tempo, de fato, a historiografia tratou as contribuições dos imigrantes europeus para a criação de idéias e alternativas sociais no Brasil de forma dicotômica: ou se ressaltava a absoluta filiação européia de certas idéias presentes nos meios sociais brasileiros (que estariam, pois, “fora do lugar”<sup>2</sup>) ou se negava quaisquer colaborações do referencial externo na formação dessas idéias. Nossa intenção nesse artigo é demonstrar uma das maneiras pelas quais se deu uma circulação de idéias entre Europa e Brasil (a imigração européia) e como esta circulação afetou bastante o pensamento de esquerda brasileiro na primeira metade do século XX. Mais especificadamente, nosso objetivo é estudar a ação do antifascismo italiano em São Paulo e demonstrar as in-

---

**João Fábio Bertonha** é mestre em História Social pela UNICAMP, onde cursa também o Doutorado.

<sup>\*</sup> o termo “fuorusciti” é utilizado pela historiografia italiana para designar os opositores ao regime de Mussolini que tiveram que deixar a Itália após a implantação do fascismo nos anos 20.

<sup>\*\*</sup> Este texto representa resultados parciais de uma pesquisa maior que desenvolvemos sobre a ação do fascismo e do antifascismo italianos em São Paulo no entre guerras.

As influências italianas na política brasileira do entre guerras mais estudadas são, de fato, as relacionadas ao papel do regime de Mussolini na formação do Integralismo.<sup>3</sup> Esse debate foi realmente importante na história do pensamento político brasileiro e é necessário que ele continue a ser aprofundado. Nós mesmos estamos preparando um texto sobre a questão (de, espera-se, breve publicação). O curioso, porém, é que, ao lado desse conhecimento com relação ao Integralismo, são virtualmente ignoradas as colaborações italianas no outro lado da barricada, ou seja, no movimento antifascista brasileiro, as quais foram importantes, merecendo, pois, uma atenção maior da historiografia.

Foi procurando trabalhar nesse sentido que o presente artigo foi escrito. Nele, apresentaremos inicialmente uma série de informações sobre a ação fascista e antifascista na São Paulo do entre guerras, as quais servirão para inserir o leitor no contexto em que estamos trabalhando. Posto isso, discutiremos as influências - até hoje, virtualmente ignoradas - dos refugiados antifascistas italianos (os assim chamados "fuorusciti") na formação das duas maiores experiências antifascistas brasileiras nos anos 30: a "Frente Única Antifascista" e a "Ação Nacional Libertadora". Procuraremos levantar elementos, assim, para comprovar o intenso intercâmbio de idéias - sem a compreensão do qual fica difícil entender o contexto político brasileiro do período - entre Europa e Brasil ou, mais especificadamente, entre Itália e Brasil no entre guerras.

### FASCISTAS E ANTIFASCISTAS ITALIANOS EM SÃO PAULO NO ENTRE GUERRAS

Antes de começarmos a examinar a colaboração dos antifascistas italianos na formação do pensamento e da ação antifascistas no Brasil, acreditamos que seria útil apresentar um rápido quadro de movimentos que são virtualmente desconhecidos da historiografia brasileira, ou seja, a ação dos fascistas e antifascistas italianos em São Paulo no entre guerras

Desde os inícios de suas atividades, o Partido fascista (e depois, o governo fascista) procurou transferir seus ideais para seus concidadãos residentes no exterior. Nesse sentido foi feito todo um esforço no sentido de manter viva a italianidade entre os imigrantes e seus descendentes e de inculcar a ideologia fascista entre eles, de forma a manter os laços entre as

SÃO PAULO NÃO FOI UMA REGIÃO. Desde 1923, começaram os esforços fascistas para cativar os italianos e seus descendentes residentes no Estado. É principalmente a partir de 1928, porém, com a chegada dos cônsules “fascistas” ao Brasil,<sup>6</sup> que os esforços fascistas serão redobrados, com todos os meios sendo empregados na tarefa de cativar os imigrantes.

E que meios seriam estes?<sup>7</sup> Na realidade, o fascismo se serviu de duas vias principais para a busca do consenso no seio da comunidade italiana. De um lado, procurou-se fazer uma penetração direta nesta comunidade através da expansão da rede consular e da implantação, em São Paulo, de órgãos fascistas propriamente ditos: os “fasci all'estero”,<sup>8</sup> os “Dopolavoro”,<sup>9</sup> etc.

Ao mesmo tempo em que implantava seus instrumentos de propaganda e doutrinação no Brasil, o fascismo italiano ia agindo por outras vias no esforço supremo de conquistar as mentes e as almas dos italianos residentes em São Paulo. Nesse sentido, o consulado italiano foi agindo, no decorrer de todos os anos 20 e 30 mas mais especialmente após a chegada em São Paulo do cônsul Serafino Mazzolini (dedicado propagandista do regime) em 1928, com a intenção de controlar todos os órgãos que davam vida à assim chamada “colônia italiana”. Escolas, jornais, associações (...), todos esses órgãos foram caindo um após o outro sobre o controle do fascismo, que os transformava em novos instrumentos para a difusão dos valores do regime.

Uma grande estrutura de propaganda foi, assim, montada, a qual dedicou-se com vontade à tarefa de difundir o fascismo em São Paulo. Uma avaliação mais segura do sucesso dessa campanha entre os italianos e entre os brasileiros ainda está sendo desenvolvida, mas não resta dúvida que a ação do fascismo italiano em São Paulo foi bastante apreciável, merecendo uma atenção maior da historiografia que, até agora, dedicou-se apenas marginalmente ao tema.<sup>10</sup>

Desde os inícios da penetração do fascismo em São Paulo, porém, este enfrentou a oposição de homens que não concordavam com aos atos do regime de Mussolini e que traziam esta luta para a terra paulista.

Desde 1919, de fato, jornais de esquerda ligados à colônia italiana (como o anarquista *Alba Rossa* e outros) começam a publicar textos contra o fascismo. A primeira manifestação sistemática de antifascismo italiano em São Paulo foi, porém, a fundação do jornal *La Difesa* em 1923, por iniciativa de Antonio Piccarolo, um socialista moderado italiano radicado no Brasil desde 1908 e muito ativo na vida da coletividade.<sup>11</sup>

Esse jornal abrigará várias correntes antifascistas (como os repu-

DIRETOR GERAL COMO - LIDU - JO SEU DIRETOR, O QUE LEVAVA A CONFLITOS INTERNOS. Em 1925, os antifascistas italianos aglutinados em torno do *La Difesa* conseguem criar a primeira instituição antifascista real: a “Unione Democratica”, sendo *La Difesa* seu órgão oficial.

No início de 1926, uma assembléia da “Unione Democratica” a filia à LIDU e, ainda nesse ano, Piccarolo abandona - pelo que consta, por razões pessoais - a direção do jornal e, apesar de continuar trabalhando nele, a transfere para Francesco Frola, recém chegado da Europa.<sup>12</sup>

Frola introduz mudanças no jornal, abrindo-o para outros antifascistas italianos como os anarquistas Oreste Ristori, Angelo Bandoni e Alessandro Cerchiai; os comunistas Goffredo Rosini e Ertulio Esposito e muitos outros. Devido a esta abertura (inimaginável nos tempos de Piccarolo) e a outros fatores,<sup>13</sup> Frola entra em atrito com Piccarolo, disputando com ele o privilégio de se tornar o representante brasileiro da “Concentrazione Antifascista” (união de partidos políticos italianos antifascistas, com sede em Paris)<sup>14</sup> e o controle do *La Difesa*. Piccarolo vencerá esse conflito em 1930 e transferirá a direção do jornal para Nicola Cilla e Mario Mariani, antifascistas recém chegados à São Paulo que conduzirão, junto com Piccarolo, os destinos do *La Difesa* até seu fim em 1934.<sup>15</sup>

A experiência do *La Difesa*- conduzida centralmente pelos socialistas, de diferentes matizes, italianos<sup>16</sup> - foi a mais importante dentro do antifascismo italiano no Brasil. Mesmo durante a existência do *La Difesa*, porém, outros grupos e correntes mantinham seus jornais e organismos de luta antifascista, como o *Bolletino del Gruppo Socialista Giacomo Matteotti*; o *Il Becco Giallo* de Nino Daniele, o *I quaderni della Libertà* de Alessandro Cerchiai, o *Italia Libera* de Pasquale Petraccone e outros. Estes grupos mantinham um bom relacionamento com o *La Difesa* na gestão Frola mas colidem violentamente com o jornal quando ele retorna às mãos da tríade “Piccarolo, Cilla e Mariani” em 1930, gerando conflitos internos que ajudaram a minar o antifascismo.

Com o fim do *La Difesa* e da *Concentrazione* em 1934 e a decadência (devido à repressão) do antifascismo brasileiro (que ajudou, como veremos, a dar nova força aos antifascistas italianos entre 1932 e 1935) em 1935, o mundo antifascista italiano de São Paulo começa a desaparecer. Através de movimentos contra a guerra da Etiópia em 1935 e de novos jornais, o antifascismo italiano de São Paulo lutará para vencer a propaganda dos fascios mas o contínuo crescimento da popularidade fascista dentro e fora da colônia italiana e a brutal repressão contra a esquerda pelo governo brasileiro pós 1935 (cortando, como já dito, seus

lança antifascista italiana como FIORE, RISIOLI, ESPOSITO, ROSINI, TERRACONE e outros) ajudam, entre outros fatores, a levar o antifascismo italiano de São Paulo a um estado de quase que total apatia. Há uma tentativa de reestruturar o antifascismo em 1942, mas ela falha, o que revela as dificuldades de ação antifascista no Brasil do entre guerras.

Essa situação de dificuldade para ação antifascista não é exclusiva do Brasil e precisa, sem dúvida, ser melhor discutida. Num ponto, porém, parece que a situação brasileira é diversa da de outros países. Gianfranco Cresciani,<sup>17</sup> por exemplo, aponta como um dos fatores do fracasso dos antifascistas italianos da Austrália a falta de articulação com as forças antifascistas locais, o que teria sido trágico para o antifascismo. Essa situação, porém, não parece ter se repetido no Brasil, onde a articulação com as forças políticas locais foram, como veremos a seguir, contínuas

### ANTIFASCISTAS ITALIANOS NA LUTA ANTIFASCISTA BRASILEIRA

Edgar Carone diz, em certa passagem de um de seus livros,<sup>18</sup> que a luta antifascista no Brasil foi basicamente italiana nos anos 20, passando a brasileira na década seguinte. Há uma falha nessa argumentação (como veremos a seguir) mas Carone está correto em afirmar que a luta antifascista em São Paulo na década de 20 foi basicamente italiana.

De fato, parece que a questão do fascismo foi vista, nos anos 20, como uma questão eminentemente italiana e que devia ser resolvida entre os italianos.<sup>19</sup> Claro que uma simpatia pela causa antifascista existia entre intelectuais e correntes de esquerda brasileiros, mas o fato é que os contatos entre os antifascistas italianos de São Paulo (especialmente os socialistas mais moderados, como Piccarolo, sempre desejosos de se manterem afastados os “radicais” da política brasileira) e as forças políticas de esquerda foram relativamente pequenos. Na realidade, nos anos 20, apenas os contatos dos socialistas italianos com os socialistas reformistas brasileiros merecem ser destacados, ainda que tenham trazido poucos ganhos - dada a debilidade desses socialistas reformistas - para o antifascismo italiano em atuação no Brasil.<sup>20</sup>

Nos anos 20, de fato, a busca de alianças pelos antifascistas italianos esbarrava na falta de interesse das esquerdas nacionais em combater realmente o fascismo. Nos anos 30 e especialmente no período pós 1932, porém, com a criação do Integralismo, a questão do fascismo passa para

uma fase de revitalização de um antifascismo italiano que lutava para se afirmar e superar as crises do final dos anos 20.

Uma análise de algumas idéias de um dos mais interessantes antifascistas italianos em ação no Brasil, o conde Francesco Frola, pode nos ajudar a entender essa súbita alteração do contexto político nacional e o como isso afetou a luta dos antifascistas italianos.

Desde a sua chegada ao Brasil em 1926, Frola ressaltará que, ainda que continuasse um socialista, não compartilhava da fobia anticomunista de Piccarolo e Mariani.<sup>21</sup> Sua tolerância aos comunistas, porém, não se devia exclusivamente a maior afinidade ideológica. Mais importante que isso no pensamento de Frola era a sua firme defesa da união de todas as forças de esquerda contra o fascismo, que ele defenderá desde cedo<sup>22</sup> e que se refletirá na maior abertura que ele deu ao *La Difesa* na sua gestão.<sup>23</sup> Não propomos, claro, que Frola tenha sido o criador dessa idéia das frentes únicas contra o fascismo<sup>24</sup> (que varria o mundo da esquerda do período), mas parece provável que ele tenha sido um de seus introdutores no Brasil.

Nos anos 30, com as mudanças no contexto político nacional,<sup>25</sup> as idéias de Frola sairão da teoria e da pequena experiência do *La Difesa* para a prática e para uma escala maior. Será a época, no Brasil e no mundo, das frentes contra o fascismo. No Brasil, estas frentes serão basicamente duas: a “Frente Única Antifascista” (FUA) e a “Aliança Nacional Libertadora”(ANL)..

Desde a criação da “Ação Integralista Brasileira” em 1932, já surgirão grupos espontâneos de luta antifascista.<sup>26</sup> Em 1933, porém, surge a idéia de maior colaboração das forças antifascistas.<sup>27</sup> Serão os trotskistas,<sup>28</sup> contudo, que irão sugerir a idéia de criar uma frente única das esquerdas contra o fascismo. Surge a “Frente Única Antifascista”. Essa frente terá um período de organização e crescimento entre 1933 e 1934, permeada por choques com os integralistas e contínuas idas e vindas do PCB.<sup>29</sup> O seu auge será a famosa “Batalha da Praça da Sé” em 7/10/1934, onde, em violenta luta, ela conseguirá dissolver uma grande manifestação integralista.<sup>30</sup> Logo após, porém, ela, em boa parte devido às contradições internas motivadas pelas idas e vindas do PCB, se dissolverá<sup>31</sup> e será substituída, ao menos cronologicamente,<sup>32</sup> pela “Aliança Nacional Libertadora”

A ANL,<sup>33</sup> surgida por iniciativa do PCB e de outros organismos políticos em março de 1935, reflete, no Brasil, as decisões do VII Congresso da Internacional Comunista e sua política de formação de frentes populares contra o fascismo. De fato, ela coordenou, no seu curto perí-

cista brasileira no período, a qual seria duramente golpeada por Vargas a partir desse mesmo ano.

Os antifascistas italianos em ação no Brasil não apenas participaram com vontade das lutas operárias nacionais do período<sup>34</sup> como se aproveitaram desse contexto muito diferente do dos anos 20 para tentar dar ao seu antifascismo uma força e um alcance maiores do que havia tido antes. Ao fazê-lo, porém, deu ao antifascismo brasileiro uma contribuição muito importante e que é, até hoje, desconhecida.

Um simples exame da lista de organismos e associações presentes na FUA pode nos dar uma medida da participação italiana nesse movimento.<sup>35</sup> Nesta, estão presentes a seção brasileira do “Partido Socialista Italiano”, a revista *Socialismo* (dirigida por Frola), o “Grupo Socialista Giacomo Matteotti”<sup>36</sup> (onde Frola militava), o grupo “Italia Libera” de Italo Carbonelli (...). Os nomes se sucedem e comprovam a participação italiana na FUA.

A própria idéia de fundar o movimento deveu muito a um antifascista italiano radicado no Brasil, Goffredo Rosini.<sup>37</sup> Este trotskista, no Brasil desde 1929 e articulista do *La Difesa* na gestão Frola e em outros órgãos antifascistas depois, foi quem deu a idéia de criar a FUA aos seus colegas trotskistas. Foi, além disso, por sua sugestão que a FUA lançou o jornal *O Homem Livre*, onde Rosini também escrevia.

Francesco Frola e Oreste Ristori também tiveram papel chave na organização da FUA. Há registro de discursos de ambos nas conflituosas reuniões de constituição da Frente,<sup>38</sup> os quais tiveram papel importante na superação de divergências que tornou possível a “Frente Única Antifascista”. Foi também Frola quem discursou e ajudou a preparar o caminho para a reunião de conagraçamento dos antifascistas brasileiros com os italianos em 10/6/1934. Por fim, ele estava na “Batalha da Praça da Sé” e foi preso na onda de repressão que se seguiu. Há registros de atuação semelhante para Ristori.<sup>39</sup>

Outros exemplos da participação dos antifascistas italianos na formação da “Frente Única Antifascista” seriam até desnecessários: foi por sugestão do “Gruppo Socialista Giacomo Matteotti” que a Frente foi lançada publicamente no dia 11 de julho de 1933, nono aniversário da morte de Matteotti; foi na sede da “Lega Lombarda” (centro do antifascismo italiano em São Paulo) que muitas das reuniões de criação da FUA foram feitas,<sup>40</sup> etc. Os sinais de inter-relacionamento se sucedem. Mesmo o *La Difesa* em sua fase final (sob a direção de Piccarolo, Mariani e Cilla) não se negou a dar seu apoio à FUA. Fica-nos, porém, a impres-

*Djessa* na FUA) que foi uma participação mais e mais formal que outra coisa, o que é coerente com a resistência desse grupo em se aliar plena e totalmente com grupos bem mais à esquerda.<sup>41</sup> Ainda assim, parece clara a participação italiana na “Frente Única Antifascista”.

No caso da “Aliança Nacional Libertadora” (ANL), a participação italiana é menor mas, ainda assim, é consistente. Várias das reuniões da ANL aconteceram na “Lega Lombarda”,<sup>42</sup> antifascistas italianos do peso de Oreste Ristori<sup>43</sup> ou menos importantes como Gudulo Bornacina<sup>44</sup> nunca cessaram de demonstrar a sua simpatia por ela, etc. Mais importante, porém, é saber que o Partido Socialista Brasileiro,<sup>45</sup> participante da FUA e também da ANL tinha, provavelmente por mediação de Frola, participação dos refugiados antifascistas italianos e que o PSB foi, assim, um dos canais pelos quais a participação dos antifascistas italianos se deu na “Aliança Nacional Libertadora”.<sup>46</sup>

É interessante notar também que, mesmo quando a ANL é colocada fora da legalidade em julho de 1935, os antifascistas italianos não desistiram de sua política de aliança com os brasileiros.<sup>47</sup> Há registros, de fato, de que os militantes do “Gruppo Socialista Giacomo Matteotti” aderiram definitivamente ao PSB em 1935<sup>48</sup> e, apesar de tentarem manter uma identidade antifascista italiana,<sup>49</sup> foi através do PSB que eles conseguiram forças para prosseguir sua luta<sup>50</sup> contra o fascismo até que a repressão do governo Vargas acabasse por calar a todos, brasileiros e italianos, principalmente a partir de 1937.

Vemos, assim, como a participação italiana foi importante na implantação do conceito da “frente única contra o fascismo” no Brasil. Claro que é provável que esta idéia acabasse por ser introduzida e discutida no Brasil por outros meios, dada a sua popularidade nos meios de esquerda em todo o mundo no período, se não existissem os “fuorusciti” italianos no Brasil. O fato, porém, é que, ao manterem uma ponte intelectual e política com a Europa,<sup>51</sup> os antifascistas italianos colaboraram na introdução e aplicação na realidade brasileira de conceitos chave como o da “frente única”, o que foi importante para o antifascismo brasileiro.<sup>52</sup>

A recíproca também é verdadeira. Não temos dados para saber se a colaboração com os antifascistas brasileiros trouxe progressos para a luta antifascista italiana em meio a seus concidadãos em São Paulo. Parece provável que não. Em termos de sociedade brasileira, porém, os antifascistas italianos passaram a contar com uma rede de solidariedade que nunca haviam tido antes: solidariedade contra as agressões fascistas,<sup>53</sup> apoio nas manifestações contrárias à Guerra da Etiópia,<sup>54</sup> etc.

ma ao antifascismo italiano<sup>55</sup> mas, no geral, ele passou a ter uma base de sustentação inédita, cuja destruição pela repressão em 1935 e 1937 eliminará um dos poucos pilares de apoio de um antifascismo já derrotado em inúmeras outras ocasiões.

Um último ponto. As informações que dispomos indicam que havia muitos descendentes de italianos agindo dentro do antifascismo e da esquerda brasileira. Ângelo Trento, além disso, fez um levantamento<sup>56</sup> no arquivo policial fascista e descobriu que a grande maioria dos militantes do movimento antifascista italiano de São Paulo era de italianos natos, de velha ou nova imigração. Pesquisas minuciosas nos arquivos do DOPS de São Paulo não apenas confirmam isto como mostram uma enorme presença de descendentes de italianos e mesmo de alguns italianos natos (na maioria das vezes, comunistas atuando junto ao PCB). Podemos concluir, assim, que o antifascismo italiano parece ter interessado principalmente (sem claro, uma divisão rígida) aos imigrantes italianos em São Paulo enquanto seus filhos, se sentindo mais brasileiros que italianos, preferiam atuar diretamente nos organismos políticos brasileiros.. Precisamos ainda de mais dados, mas é uma questão curiosa e que demanda mais pesquisa.

## CONCLUSÃO

Após toda a argumentação apresentada aqui, fica claro que a questão do inter-relacionamento das idéias e práticas políticas brasileiras com as do exterior é manifesta no período entre guerras. O caso dos fascistas e antifascistas em atuação em São Paulo é exemplar nesse sentido, sendo a imigração apenas um dos caminhos, porém, pelos quais idéias e conceitos passam de outros países para o Brasil (com a mão inversa também presente) e são aceitas, recusadas, reelaboradas e introduzidas no contexto local. Esperamos ter demonstrado, assim, um dos caminhos do intercâmbio que, especialmente nos anos 20 e 30 desse século, ajuda a explicar o fascinante desenvolvimento social brasileiro do período.

## NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Vide especialmente Schwartz, Roberto. "As idéias fora do lugar" in *Estudos CEBRAP*, número 3: 149-161, janeiro/1973 e Franco, Maria Sílvia Carva-

2. Como exemplo, vide o mito do anarquismo como uma "criação alienígena" dos imigrantes italianos e espanhóis. Sobre tal mito e sua crítica, vide Hall, Michael. "Immigration and the early Sao Paulo working class" in *Jahrbuch fur Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas*, vol. 12:393-407, 1975. Sobre essa questão, vide também Rodrigues, Leôncio Martins. *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*, São Paulo, Difel, 1966.
3. Vide Trento, Ângelo. "Relações entre fascismo e Integralismo: o ponto de vista do Ministério dos Negócios Estrangeiros italiano" in *Ciência e Cultura*, 34 (12): 1601-1613, dez/1982. Vide também dois textos de Ricardo Seitenfus: "Ideology and Diplomacy: Italian Fascism and Brazil (1935-38)" in *Hispanic American Historical Review*, 64 (3): 503-534, 1984 e "As relações entre o Brasil e a Itália no período 1918-1935" in De Boni, Luís A. *A presença italiana no Brasil*, volume 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pgs 37-52.
4. Note-se que essa política da Itália fascista de manutenção de contatos com as comunidades emigrantes italianas não é exclusiva do Brasil: Todos os países de imigração italiana foram afetados.
5. Cumpre ressaltar que São Paulo não foi o único estado brasileiro afetado pela propaganda fascista. Todos os lugares onde havia comunidades italianas e especialmente o sul do país também foram atingidos. Para a situação no Rio Grande do Sul, vide Corsetti, Berenice. "A reação do Estado Novo aos movimentos políticos da zona de colonização italiana no Rio Grande do Sul" in *História: ensino e pesquisa*, 2 (86): 33-54, 1986 e Giron, Loraine Slomp. "O fascismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul" in *História: ensino e pesquisa*, 2 (86): 55-64, 1986. A mesma autora publicou recentemente um livro sobre o assunto: *Nas sombras do littorio. O fascismo no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Parlenda, 1994.
6. Ver Cervo, Amado Luís. *As relações históricas entre Brasil e Itália - O papel da diplomacia*, São Paulo/Brasília, Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992, cap. 5.
7. Um verdadeiro manancial de informações sobre a ação fascista no Brasil pode ser localizado em Trento, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil*, São Paulo, Nobel, 1989, cap. 6, 267-404.
8. Sobre os fasci all'estero, vide Fabiano, Domenico. "I fasci italiani all'estero" in Bezza, B. (org). *Gli italiani fuori d'Italia*, Milano, Franco Angeli, 1983, 221-236 e Santarelli, Enzo. "Intorno ai fasci all'estero" in *Fascismo e neo-fascismo*, Roma, Riuniti, 1974, 113-133.
9. Sobre o Dopolavoro, a bibliografia é numerosa. Vide, por exemplo, Grazia, Victoria de. *Consenso e cultura di massa nell'Italia fascista*, Roma/Bari, Laterza, 1981. Ver também a bibliografia citada em Guerrini, Irene e Pluviano, Marco. "L'organizzazione del tempo libero nelle comunità italiane in

- ana in America Latina, 1870-1970*, Milano, Teti Editore, 1994, 378-389.
10. Os únicos textos disponíveis sobre a questão são Trento, Ângelo, citado e Bertanha, João Fábio. *O antifascismo socialista italiano de São Paulo nos anos 20 e 30*, dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1994.
  11. Sobre Piccarolo, vide Andreucci, Franco e Detti, Tommaso. *Il movimento operaio italiano - Dizionario Biografico, 1853-1943*, Roma, Riuniti, 1975, vol 4, 121-123; Hecker, Alexandre. *Um socialismo possível - A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*, São Paulo, T.A. Queiroz, 1989 e Bertanha, João Fábio. "O fascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20" in *História e Perspectivas*, Uberlândia, no prelo.
  12. Há poucas informações sobre o conde Frola. Vide Andreucci, Franco e Detti, Tommaso. *Il movimento operaio italiano - Dizionario Biografico, 1853-1943*, citado, vol. 2, pg 397 e dados esparsos em Trento, Ângelo. "o Antifascismo" in *Op. Cit.*, 346-387.
  13. Para o conflito Frola X Piccarolo no seio do socialismo italiano de São Paulo, vide nosso texto "Aliados e Inimigos: Piccarolo, Frola e luta antifascista italiana no Brasil" in *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, Campinas, no prelo.
  14. Vide informações bibliográficas sobre a "Concentrazione" em nossa dissertação de Mestrado, citada, capítulo 1.
  15. Sobre Mariani e Cilla, vide nossa dissertação de Mestrado, citada, vários momentos; o processo de expulsão de Mario Mariani (Arquivo Nacional AN - IJJ 7, 1930) e as fichas de Mariani e Cilla no Arquivo do Estado de São Paulo/ Delegacia de Ordem Política e Social (AESP/DOPS), Prontuários 516 e 70701.
  16. Foram, de fato, os socialistas o grupo antifascista italiano mais importante em atuação no Brasil entre as duas guerras mundiais. Essa constatação, que não implica em desconsiderar as colaborações dos anarquistas, comunistas, republicanos e outros, vale tanto para os anos 20 como para os 30. Para o período 1923-1934, vide nossa dissertação de Mestrado, citada.
  17. Cresciani, Gianfranco. "Italian antifascism in Australia, 1922-1945" in Felice, Renzo de. *Cenni storici sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia*, Milano, Franco Angeli, 1979, 143-164.
  18. Carone, Edgar. *Brasil - Anos de crise, 1930-1945*, São Paulo, Ática, 1991, 144-147.
  19. Posição, aliás, muito comum na época. Vide Felice, Renzo de. *Explicar o fascismo*, Lisboa, Edições 70, sem data e Konder, Leandro. *Introdução ao fascismo*, Rio de Janeiro, Graal, 1977, pgs 34-35. A embaixada americana, em relatório de 6/2/1929 ("Italian Activities in Brazil", Arquivo Edgar Leuenroth/Arquivo Diplomático Americano, Rolo 4/380, código 832.00 F, fotografia 19, pg 60) também registra um aumento do interesse da imprensa

20. Ver “Ligações com os políticos brasileiros” in Bertanha, João Fábio “Entre burgueses e operários - A representatividade social do antifascismo socialista italiano, São Paulo, 1923-1934”, in *História Social*, Campinas, Ano I, número 1: 117-144, Primeiro semestre 1994, especialmente pgs 140-144.
21. Sobre o anticomunismo em Piccarolo, vide “O fascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20”, citado. Para o caso de Mariani, vide nossa dissertação de Mestrado, citada, pgs 114-119.
22. Vide, sobre isto, nossa dissertação de Mestrado, citada, pgs 106-113.
23. O que levou, como vimos, a atritos com o grupo de Piccarolo. Sobre isto, vide nota 13.
24. A bibliografia sobre a questão das frentes únicas contra o fascismo é volumosa. Vide algumas indicações nos capítulos 1 e 4 de nossa dissertação de Mestrado, citada.
25. Essas mudanças do contexto político nacional também explicam porque Mario Mariani e o jornal “La Difesa” dos anos 30 tem uma facilidade para atingir o operariado e seus órgãos muito maior que o “La Difesa” de Frola e Piccarolo nos anos 20: agora, a preocupação com o fascismo é real e há um interesse maior do movimento operário em colaborar com os antifascistas. Sobre isto, vide Bertanha, João Fábio “Entre burgueses e operários - A representatividade social do antifascismo socialista italiano, São Paulo, 1923-1934”, citado, página 125, nota 13. Vide também relatório do DOPS paulista de 12/6/1933 (AESP/DOPS, Prontuário “Federação Operária de São Paulo”, 716), onde se informa que, ao contrário do que ocorria antes, a FOSP está buscando contatos com intelectuais antifascistas para iniciar sua luta contra o fascismo.
26. Depoimento de Miguel Costa Jr ao autor, Carapicuíba, 24/10/1994.
27. Ver Carone, Edgar. *Brasil - Anos de crise, 1930-1945*, citado, pg 155.
28. A ação dos trotskistas no período é pouco conhecida. Vide, a respeito, a entrevista de Fúlvio Abramo à “Folha de São Paulo” em 7/10/1984; seu livro (editado junto com Dainis Karepovs). *Na Contracorrente da História. Documentos da Liga Comunista Internacionalista, 1930-33*, São Paulo, Brasiliense, 1987, o processo “Mario Pedrosa e outros” do Tribunal de Segurança Nacional de 1938 (Arquivo Nacional/Tribunal de Segurança Nacional, número 495) e Castro, Ricardo Figueiredo de. *A oposição de esquerda brasileira (1928-1934)*, dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1993.
29. O PCB havia criado diversos grupos antifascistas no início dos anos 30, mas hesitava, refletindo a política do “social fascismo” da Internacional Comunista, em se associar a outras forças de esquerda, o que explica sua ambiguidade em relação à FUA. Sobre isto, ver Carone, Edgar. *Brasil - Anos de crise, 1930-1945*, citado, pgs 148-151 e nossa dissertação de Mestrado, citada, pgs 117-118.

31. A FUA mereceria, de fato, uma melhor cobertura da historiografia para determinar as causas de seus êxitos e fracassos. Sabemos apenas de um pesquisador - Ricardo F. de Castro, da Universidade Federal Fluminense - que começa a se interessar pelo tema, o que não é justo com o enorme papel da FUA na luta antifascista nacional nos anos 30.

O título provisório da tese de doutorado de Ricardo F. de Castro é : *Uma proposta de união das forças de esquerda numa conjuntura de crise de hegemonia: A Frente Única Antifascista, São Paulo, 1933-1934.*

32. Não queremos entrar aqui na polêmica trotskistas x comunistas sobre a filiação da FUA à ANL, a qual é negada pelos primeiros e defendida pelos segundos. Vide Maffei, Eduardo. *A Batalha da Praça da Sé*, citado; Abramo, Fúlvio. "Frente Única Antifascista, 1934-1938" in *Cadernos CEMAP*, São Paulo, ano I, número 1, outubro/1984 e o prontuário "Fúlvio Abramo" no DOPS de São Paulo (AESP/DOPS, Prontuário número 712).

33. Vide Carone, Edgar. *Brasil - Anos de crise, 1930-1945*, citado, pgs 180-199; Levine, Robert. *O regime de Vargas - Os anos críticos, 1934-1938*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978, cap. 3, pgs 97-128; Vianna, Marly. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*, São Paulo, Cia das Letras, 1992 e Pimheiro, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*, São Paulo, Cia das Letras, 1991. Ver também Konrad, George A. *1935: A ANL no Rio Grande do Sul*, diss. de Mestrado, Porto Alegre, PUC/RS, 1994; Fonseca, Vítor. *A ANL na legalidade*, dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1986 e o prontuário "Aliança Nacional Libertadora" (AESP/DOPS 3840).

34. Claro que a colaboração de cada grupo antifascista italiano com as lutas operárias e com outras forças de esquerda nacionais variava muito conforme o ideário de cada grupo. O de Piccarolo, por exemplo, jamais se atreveu a maior participação nas lutas operárias de São Paulo e o máximo de contato com grupos da esquerda que ele teve foi, conforme já escrito, com os socialistas reformistas nos anos 20. Frola também teve esse cuidado no início, básico num ambiente de funda repressão policial à esquerda, mas parece haver relativizado-o com o passar do tempo. Já com anarquistas como Oreste Ristori ou comunistas como Ertulio Esposito, esse cuidado nunca se deu, com participação contínua deles nas lutas operárias e da esquerda nacional no período.

Sobre os cuidados de Frola e Piccarolo para não caírem nas malhas da repressão, vide nossa dissertação de Mestrado, citada, cap. 6 e nosso artigo "Mazzolini vs Piccarolo - Fascismo e Antifascismo a confronto nella San Paolo degli anni 20" in *Letterature d'America*, Roma, Bulzoni Editore, 47-48: 139-160, 1992. Sobre a participação política de Esposito, Ristori e de Frola nos anos 30, ver os prontuários dos mesmos no AESP/DOPS, respectivamente números 152, 364 e 1014; os processos de expulsão dos dois primeiros (AN-

35. As informações a seguir vem especialmente dos textos de Fulvio Abramo e Eduardo Maffei, citados.
36. Sobre esse grupo ver, entre outras fontes, seu jornal ("Bollettino del Gruppo Socialista Giacomo Matteotti"); nossa dissertação de Mestrado, citada e o processo de expulsão de Ertulio Esposito (AN - IJ 6 , 402, 1932).
37. Sobre Rosini, vide seu prontuário no AESP/DOPS (Número 173) e o seu processo de expulsão (AN-MJNI 6, 1934).
38. Ver Maffei, Eduardo. *Op. Cit.*, pg 79.
39. Vide Abramo e Maffei, citados e Maffei, Eduardo. "Gigi Damiani e outros" in *Temas de Ciências Humanas*, 5: 93-120, 1979, pgs 116-118.
40. As informações dos últimos parágrafos vieram dos textos de Fúlvio Abramo e Eduardo Maffei, citados e dos depoimentos de Miguel Costa Jr (Carapicuíba, 24/10/1994) e Lélia Abramo (São Paulo, 17/12/1992) ao autor.
41. Ver nota 34.
42. Vide AESP/DOPS, Prontuário 10569 ("Liga Lombarda").
43. Ele gostava de cantar "marchinhas" da ANL (Vide Maffei, Eduardo. "Gigi Damiani e outros", citado, pg 119) e manifestava abertamente seu apreço por ela. Vide Prontuário "Oreste Ristori" no AESP/DOPS, citado, depoimento de 13/12/1935.
44. Seu Prontuário no DOPS (AESP/DOPS, Prontuário 76669) diz que ele foi vigiado na época da ANL por fazer "discursos extremistas" em praça pública.
45. Pouco se sabe sobre as duas fases (Anos 30 e anos 40/50) desse partido. Vide Carone, Edgar. *Brasil - Anos de crise, 1930-1945*, citado, , pgs 92-102; o verbete "Partido Socialista Brasileiro" in Beloch, Israel e Abreu, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, 1930-1983*, Rio de Janeiro, CPDOC, 1984, volume 3, 2584-2585; Vieira, Margarida Luiza de Mattos. *Semeando democracia: o projeto de cidadania do PSB (1945-1964)*, tese de doutorado, Niterói, UFF, 1994 e Alem, Silvio Frank. *"Contribuição à história da esquerda brasileira: o Partido Socialista Brasileiro, 1945-1964"*, tese de doutorado em História, São Paulo, USP, 1988.
46. As ligações do PSB com os socialistas italianos é antiga. Não só Frola foi um dos fundadores do Partido em 1932 (Vide Carone, Edgar. citado, pgs 98-100). como já em 1933 o órgão oficial do PSB paulista ("Luta Social") escreve sobre as boas relações do "Grupo Socialista Giacomo Matteotti" (não por acaso sob influência de Frola) com o PSB. Vide a edição do jornal de 13/11/1933.
47. Um caso curioso e que mereceria ser estudado é o de Dante Ancona Lopez. Ele era, nos anos 30, um jovem redator do jornal antifascista "Lo Spaghetto". Seu prontuário no DOPS paulista (46525) nada indica sobre sua atividade nessa época, mas ressalta seus contatos com o PCB em plenos anos 70. Um sinal da longevidade de certas relações que se estabeleceram nesse meio dos anos 30.

49. Normalmente através de instituições como a “Liga Antifascista Italiana” e de jornais como “I quaderni della Libertà”, “Lo Spaghetto”, “Guerra Sociale” e “Italia Libera”, todos voltados para a luta antifascista italiana e atuantes na primeira metade dos anos 30.
50. Os registros do DOPS paulista sobre o PSB, citado, são muito ricos em informações sobre as relações dos refugiados italianos com este partido. Há notícias de discursos de italianos em comícios do PSB durante a guerra fascista na Etiópia; de reuniões da “Lega Antifascista Italiana” nas sedes do PSB e de comícios antiguerreiros dos antifascistas italianos realizados sob os auspícios do PSB.
51. Para as ligações intelectuais e políticas dos antifascistas socialistas italianos do Brasil, vide nosso artigo “Giustizia e Libertà: Militância antifascista e conflito político no Brasil dos anos 30” in *Boletim do Centro de memória da UNICAMP*, Campinas, no prelo.
52. Anote-se que obviamente houveram também italianos e descendentes que participaram diretamente das lutas antifascistas e da esquerda brasileira sem passar pela mediação dos movimentos antifascistas italianos. Os casos de Ettore Sacchetto/Otávio Mattiuzzo (AN-MJNI 222, “Processo de Expulsão de Ettore Sacchetto e Otávio Mattiuzzo”) e do Dr. Carlos Mauro, maçom, italiano e membro do PCB (Ver prontuário AESP/DOPS, 71369 “Maçonaria de São Paulo”) são exemplos nesse sentido. Alguns aspectos dessa questão dos descendentes de italianos na esquerda brasileira serão discutidos a seguir.
53. O jornal “O Homem Livre” de 3/1/1934, por exemplo, comenta um atentado contra Frola em Campinas/SP, proclama a política de olho por olho, dente por dente e ameaça a sede do fascio. A prisão de Frola pelo DOPS em 25/1/1934 também faz o jornal protestar e revelar os laços entre a polícia, o fascio e os integralistas.
54. Ver o jornal “A Plebe” de 1935; panfletos constantes no processo de Mario Pedrosa no Tribunal de Segurança Nacional, citado na nota 27, e outros do mesmo tipo no Prontuário “Socorro vermelho Intenacional” (AESP/DOPS, Prontuário 1962) onde, aliás, aparecem os nomes de Oreste Ristori e Pasquale Petraccone. Uma nota. Vários documentos dos Prontuários do DOPS paulista “Partido Socialista Brasileiro”, citado, e “Frente Negra Brasileira” (número 1538) indicam organismos do movimento negro brasileiro fazendo suas reuniões na “Lega Lombarda” desde 1933 e participando de comícios contra a guerra da Etiópia em 1935. Neste ano, nos EUA, o choque dos movimentos negros defensores da Etiópia com os exaltados fascistas italianos levaram a conflitos em Nova Iorque. Parece provável que, em escala menor, o mesmo se repetiu em São Paulo. Sobre o caso americano, vide Venturini, Nadia. *Neri e Italiani ad Harlem. Gli anni trenta e la guerra d’Etiopia*, Roma, Edizioni Lavoro, 1990. Para mais informações sobre a ação

inícios de 1936.

55. Como, por exemplo, a atração da ira dos integralistas para si. De fato, não só há evidências comprovadas de polêmicas entre os integralistas e os anti-fascistas italianos como estes eram continuamente incomodados em suas atividades pelos camisas verdes integralistas.
- Para o caso da polêmica entre Antonio Piccarolo e elementos integralistas sobre a questão judaica, vide seu texto em “Por que ser anti semita? Um inquérito entre Intelectuais brasileiros” (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933), a réplica integralista em Carvalho, Brasilino de. *O anti semitismo de Hitler... e o julgamento apressados de alguns autores*, Salvador, Cia Editora Graphica, 1934 e um comentário sobre o episódio em Carneiro, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*, São Paulo, Brasiliense, 1988. Sobre o segundo caso, mencionáramos os registros de integralistas causando distúrbios numa palestra antifascista de Antonio Piccarolo em 1936. Vide “O elogio da democracia através de uma conferência do Prof. Piccarolo”. Recorte não identificado guardado no Arquivo Antonio Piccarolo (Instituto Italiano de Cultura/SP), pasta 19.
56. Ver Trento, Ângelo. *Op. Cit.*, pg 347.
57. Vide, por exemplo, a curiosa influência de Gilberto Freire na ideologia colonialista do salazarismo em Thomaz, Omar Ribeiro. “Um viajante tropical pelas terras d’além mar” in *Folha de São Paulo*, 19/3/1995.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

- Abramo, Fúlvio. “Frente Única Antifascista, 1934-1938” in *Cadernos CEMAP*, São Paulo, ano I, número 1, outubro/1984
- \_\_\_\_\_. e Karepovs, Dainis. *Na Contracorrente da História. Documentos da Liga Comunista Internacionalista, 1930-33*, São Paulo, Brasiliense, 1987
- Alem, Silvio Frank. *Contribuição à história da esquerda brasileira: o Partido Socialista Brasileiro, 1945-1964*, tese de doutorado em História, São Paulo, USP, 1988
- Andreucci, Franco e Detti, Tommaso. *Il movimento operaio italiano - Dizionario Biografico, 1853-1943*, Roma, Riuniti, 1975
- Beloch, Israel e Abreu, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro, 1930-1983*, Rio de Janeiro, CPDOC, 1984
- Bertonha, João Fábio “Aliados e Inimigos: Piccarolo, Frola e luta antifascista italiana no Brasil” in *Boletim do Centro de Memória da UNICAMP*, Campinas, no prelo.
- \_\_\_\_\_. *O antifascismo socialista italiano de São Paulo nos anos 20 e 30*, dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1994
- \_\_\_\_\_. “Entre burgueses e operários - A representatividade social do anti-

- \_\_\_\_\_. "O fascismo na visão de Antonio Piccarolo: antifascismo e reformismo no Brasil dos anos 20" in *História e Perspectivas*, Uberlândia, no prelo
- \_\_\_\_\_. "Giustizia e Libertà: Militância antifascista e conflito político no Brasil dos anos 30" in *Boletim do Centro de memória da UNICAMP*, Campinas, no prelo
- \_\_\_\_\_. "Mazzolini vs Piccarolo - Fascismo e Antifascismo a confronto nella San Paolo degli anni 20" in *Letterature d'America*, Roma, Bulzoni Editore, 47-48: 139-160, 1992.
- Carone, Edgar. *Brasil - Anos de crise, 1930-1945*, São Paulo, Ática, 1991
- Carvalho, Brasilino de. *O anti-semitismo de Hitler .... e o julgamento apressado de alguns autores*, Salvador, Cia Editora Graphica, 1934
- Carneiro, Maria Luiza Tucci. *O antisemitismo na era Vargas (1930-1945)*, São paulo, Brasiliense, 1988
- Castro, Ricardo Figueiredo de. *A oposição de esquerda brasileira (1928-1934)*, dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1993
- Cervo, Amado Luís. *As relações históricas entre Brasil e Itália - O papel da diplomacia*, São Paulo/Brasília, Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992
- Corsetti, Berenice. "A reação do Estado Novo aos movimentos políticos da zona de colonização italiana no Rio Grande do Sul" in *História: ensino e pesquisa*, 2 (86): 33-54, 1986
- Cresciani, Gianfranco. "Italian antifascism in Australia, 1922-1945" in Felice, Renzo de. *Cenni storici sulla emigrazione italiana nelle Americhe e in Australia*, Milano, Franco Angeli, 1979, 143-164
- Fabiano, Domenico. "I fasci italiani all'estero" in Bezza, B. (org). *Gli italiani fuori d'Italia*, Milano, Franco Angeli, 1983, 221-236
- Felice, Renzo de. *Explicar o fascismo*, Lisboa, Edições 70, sem data
- Fonseca, Vitor. *A ANL na legalidade*, dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1986
- Franco, Maria Sílvia Carvalho. "As ideias estão no lugar" in *Cadernos de Debate*, São Paulo, número 1: 61-64, 1976
- Giron, Loraine Slomp. "O fascismo na região colonial italiana no Rio Grande do Sul" in *História: ensino e pesquisa*, 2 (86): 55-64, 1986
- \_\_\_\_\_. *Nas sombras do littorio. O fascismo no Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Parlanda, 1994
- Grazia, Victoria de. *Consenso e cultura di massa nell'Italia fascista*, Roma/Bari, Laterza, 1981
- Guerrini, Irene e Pluviano, Marco. "L'organizzazione del tempo libero nelle comunità italiane in America Latina: l'Opera nazionale Dopolavoro" in Blenghino, Vanni. *La riscoperta delle Americhe - Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Milano, Teti Editore, 1994, 378-389

vol. 12:393-407, 1975

- Hecker, Alexandre. *Um socialismo possível - A atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo*, São Paulo, T.A. Queiroz, 1989
- Konder, Leandro. *Introdução ao fascismo*, Rio de Janeiro, Graal, 1977
- Konrad, George A. *1935: A ANL no Rio Grande do Sul*, diss. de Mestrado, Porto Alegre, PUC/RS, 1994
- Levine, Robert. *O regime de Vargas - Os anos críticos, 1934-1938*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978
- Maffei, Eduardo. *A Batalha da Praça da Sé*, Rio de Janeiro, Philobiblion, 1984
- \_\_\_\_\_. "Gigi Damiani e outros" in *Temas de Ciências Humanas*, 5: 93-120, 1979
- Pinheiro, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935*, São Paulo, Cia das Letras, 1991
- Porque ser anti semita? Um inquérito entre Intelectuais brasileiros*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1933
- Rodrigues, Leôncio Martins. *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*, São Paulo, Difel, 1966
- Santarelli, Enzo. "Intorno ai fasci all'estero" ,in *Fascismo e neofascismo*, Roma, Riuniti, 1974, 113-133
- Schwartz, Roberto. "As idéias fora do lugar" in *Estudos CEBRAP*, número 3: 149-161, janeiro/1973
- Seitenfus, Ricardo: "Ideology and Diplomacy: Italian Fascism and Brazil (1935-38)" in *Hispanic American Historical Review*, 64 (3): 503-534, 1984
- \_\_\_\_\_. "As relações entre o Brasil e a Itália no período 1918-1935" in De Boni, Luís A. *A presença italiana no Brasil*, volume 2, Porto Alegre/Torino, EST/Fondazione Giovanni Agnelli, 1990, pgs 37-52
- Trento, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico - Um século de imigração italiana no Brasil*, São Paulo, Nobel, 1989
- \_\_\_\_\_. "Relações entre fascismo e Integralismo: o ponto de vista do Ministério dos negócios Estrangeiros italiano" in *Ciência e Cultura*, 34 (12): 1601-1613, dez/1982
- Venturini, Nadia. *Neri e Italiani ad Harlem. Gli anni trenta e la guerra d'Etiopia*, Roma, Edizioni Lavoro, 1990
- Vianna, Marly. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*, São Paulo, Cia das Letras, 1992
- Vieira, Margarida Luiza de Matos. *Semeando democracia: o projeto de cidadania do PSB (1945-1964)*, tese de doutorado, Niterói, UFF, 1994